



ISSN: 2230-9926

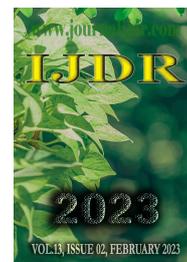
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 13, Issue, 02, pp. 61639-61644, February, 2023

<https://doi.org/10.37118/ijdr.26319.02.2023>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

COMPULSÃO ALIMENTAR EM ESTUDANTES DE MEDICINA E A RELAÇÃO COM A PANDEMIA DA COVID-19

Maria Sofia Acioli Barros^{1*}, Mylena Nascimento Batista¹, Camila Wanderley Pereira, Maiara Cristina da Silva², Fernanda Abraham Leão³, Isabele Rejane de Oliveira M. Pureza³ and Waléria Dantas Pereira Gusmão⁴

¹Acadêmica de Medicina, Centro Universitário CESMAC, Alagoas, Maceió, Brasil; ²Acadêmica de Enfermagem, Centro Universitário CESMAC, Alagoas, Maceió, Brasil; ³Acadêmica de Nutrição, Centro Universitário CESMAC, Alagoas, Maceió, Brasil; ⁴Docente do Centro Universitário CESMAC, Alagoas, Maceió, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 07th January, 2023

Received in revised form

27th January, 2023

Accepted 19th February, 2023

Published online 25th February, 2023

KeyWords:

Transtorno da Compulsão Alimentar. Hiperfagia. Isolamento Social. COVID-19. Estudantes de medicina.

*Corresponding author:

Maria Sofia Acioli Barros

ABSTRACT

Introdução: O Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP) caracteriza-se pela hiperfagia sem mecanismos compensatórios, em um período de duas horas, com dois episódios semanais nos últimos seis meses. Além de fatores endógenos, é atrelado a estressores: morte de pessoas próximas, problemas financeiros mudanças da rotina, eventos corriqueiros no cenário pandêmico. **Objetivo:** Avaliar a prevalência de sintomas, desenvolvimento ou agravamento de TCAP em estudantes de medicina de uma instituição de Alagoas na pandemia de COVID-19. **Método:** Estudo quantitativo, analítico, transversal que avaliou estudantes, recrutados pela internet, por formulários online. **Resultados:** Foram incluídos 194 universitários, 79,38% do sexo feminino e 20,62% do sexo masculino. 69% destes tinham entre 18 e 25 anos. Do total, 56,7% eram etilistas, 10,83% utilizam drogas lícitas ou ilícitas, 47,43% em psicoterapia e 20,1% utilizavam psicotrópicos. Dos alunos, 60,3% faziam acompanhamento nutricional e 71,1% praticavam atividade física, mas 69% referiram aumento de peso na pandemia. Quanto ao transtorno, 73,71% não apresentavam CAP, 12,37% tinham forma moderada e 5,68% grave. **Conclusão:** O estudo revelou que uma parcela dos universitários demonstrou TCAP moderado ou grave, o que representa necessidade de mais estudos sobre fatores desencadeadores e agravadores de TCA nesta população.

Copyright©2023, Maria Sofia Acioli Barros et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Maria Sofia Acioli Barros, Mylena Nascimento Batista, Camila Wanderley Pereira, Maiara Cristina da Silva, Fernanda Abraham Leão, Isabele Rejane de Oliveira M. Pureza and Waléria Dantas Pereira Gusmão. 2023. "Compulsão alimentar em estudantes de medicina e a relação com a pandemia da covid-19", *International Journal of Development Research*, 13, (02), 61639-61644.

INTRODUCTION

A pandemia do SARS-CoV-2, cujo a alta velocidade de disseminação e morbimortalidade alterou o cenário global, foi caracterizada como um dos maiores problemas de saúde pública das últimas décadas, de modo a ocasionar perturbações que variam desde o nível orgânico até desordens das funções mentais e cognitivas (FARO, 2020). As alterações bruscas da rotina e a implementação de medidas de isolamento social, além do contexto de aflição e ansiedade, corroboraram com o agravamento de distúrbios psicológicos e, consequentemente, desordens alimentares, sendo a principal delas a compulsão alimentar (MAIA, 2020). O Transtorno de Compulsão Alimentar (TCA) é caracterizado pela ingestão de uma quantidade de alimento maior do que o normal, geralmente, em um curto período. Esse distúrbio está associado aos sentimentos de vergonha e culpa após a ingestão excessiva de alimentos, sensação de descontrole sobre o ato de comer, sem mecanismos compensatórios associados, dirigidos a perda de peso (APA, 2014).

Além de fatores genéticos e hormonais, a biogênese do TCA está intimamente associada a eventos estressores prévios, variando desde a morte de pessoas próximas, problemas financeiros e de relacionamentos e mudanças abruptas da rotina, eventos esses muito presenciados no cenário de pandemia (BLOC, 2019). Segundo a Organização Mundial de Saúde (2021), aproximadamente 2,5% da população mundial apresenta Transtorno de Compulsão Alimentar. Nesse contexto, cerca de 4,7% de brasileiros possuem distúrbios alimentares; em adolescentes, os índices se aproximam de 10%. Em universitários, Oliveira (2020), Gabriel (2022) e Dacoregio (2022) destacam a alta prevalência de compulsão alimentar periódica entre os estudantes brasileiros, chegando a índices maiores do que 9% em algumas instituições de ensino superior na região Sul do país. No período pandêmico e de quarentena, o desenvolvimento de transtornos de ansiedade, humor e estresse pós-traumático se tornou uma problemática importante, sobretudo em jovens adultos universitários que, além dos sentimentos típicos e diversos provocados pelo isolamento social, ainda apresentavam medos relacionados a contaminação, frustração relacionada a mudanças no

sistema educacional, incertezas em relação à futura profissão e diminuição do rendimento estudantil (MAIA, 2020). Tais indivíduos, consumidos pelo sentimento de culpa e vulnerabilidade, apresentaram um baixo desempenho nas habilidades mentais e cognitivas, de modo a prejudicar ainda mais o rendimento laboral e corroborar no desdobramento e manutenção de episódios de compulsão, que podem ser avaliados como uma falha no controle dos impulsos (BLOC, 2019). Além das consequências psicológicas, estudos apontam que a impulsividade presente no TCA e a manutenção desses hábitos alimentares inadequados contribuem para obesidade e sobrepeso, além de outras desordens metabólicas crônicas e comprometedoras da qualidade de vida como a diabetes, hipertensão arterial e alterações do aparelho cardiovascular (BLOC, 2019). Ademais, pela rotina extenuante propiciada pela grade acadêmica do curso de medicina, além dos estressores externos, os estudantes tendem a desenvolver hábitos de higiene do sono inadequados, que além de promover alterações hormonais capazes de aumentar a ingestão calórica, também propiciam o desenvolvimento de diversos transtornos mentais, incluindo transtornos alimentares (GABRIEL *et al.*, 2022). Nos últimos anos, estudos transversais sobre transtornos alimentares em estudantes universitários vêm sendo realizados. Em relação a prevalência de comportamentos alimentares considerados de risco para o TCA em universitários, Reis, Silva Júnior e Pinho (2014) destacam que discentes do sexo feminino pertencentes aos cursos na área de saúde constituem um grupo altamente suscetível a desenvolver ou agravar quadros de compulsão alimentar. Rocha e colaboradores (2020) observaram altos índices de bulimia, anorexia, compulsão alimentar e insatisfação excessiva com a autoimagem em graduações como Nutrição, Psicologia e Educação Física. Como os fatores ambientais e a pandemia podem ter potencializado o comer compulsivo, e este transtorno pode levar a consequências crônicas e comprometer o completo bem-estar de jovens adultos, o presente trabalho teve como objetivo avaliar a prevalência de Transtorno de Compulsão Alimentar em estudantes de medicina e relacionar se houve agravamento desse transtorno durante o período de isolamento social da pandemia do coronavírus.

MÉTODOS

O estudo foi quantitativo do tipo analítico transversal, realizado com acadêmicos do curso de graduação em Medicina de uma universidade do Brasil, localizada na cidade de Maceió, Alagoas. De acordo com a resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que envolvem pesquisas com seres humanos, o projeto foi submetido aos Comitês de Ética em Pesquisa do Centro Universitário CESMAC e aprovado sob parecer n.º 4.693.852 de 05 de maio de 2021. Para serem incluídos no estudo, os alunos podiam ser de ambos os sexos, possuir entre 18 e 65 anos e deviam estar regularmente matriculados em qualquer período de graduação do curso de medicina no momento da investigação. A amostragem foi do tipo não probabilística, contemplando, segundo o cálculo amostral aleatório simples, no mínimo 193 alunos dos 885 matriculados para garantir que o erro amostral seja de 5% e o nível de confiança de 95%. A fórmula para cálculo utilizada foi $n = N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1-p) / Z^2 \cdot p \cdot (1-p) + e^2 \cdot N - 1$ (n: amostra calculada, N: população, Z: variável normal, p: real probabilidade do evento, e: erro amostral) (SANTOS, 2022). A coleta de dados foi feita entre os meses de janeiro e agosto de 2022, por meio de um questionário *online* elaborado via *Microsoft Forms*, elaborado com base em algumas variáveis para a compreensão do impacto da pandemia e isolamento social na compulsão alimentar dos estudantes. O questionário consistiu-se em 36 questões de autoperenchimento. As 20 primeiras questões abordaram as seguintes categorias: perfil sociodemográfico (idade, renda, filhos, e outros dados pessoais), tabagismo, etilismo, uso de drogas lícitas e ilícitas, acompanhamento psiquiátrico, psicológico e/ou nutricional atual ou prévio, prática de atividade física, estado nutricional, presença de comorbidades, percepções acerca de mudanças no peso desde o início da pandemia. As últimas 16 questões foram para aplicação da Escala de Compulsão Alimentar – *Binge Eating Scale (BES)*, um instrumento autoaplicável e amplamente utilizado, originalmente desenvolvido para avaliar a gravidade de compulsão alimentar periódica (CAP) em indivíduos

obesos, atualmente validado para triagem do transtorno em outros grupos populacionais. É composto por 16 itens, fornecendo o resultado em três categorias: CAP grave (escore ≥ 27), moderada (escore entre 18 e 26) e ausência de CAP (escore ≤ 17). Apresenta uma versão em português, denominada Escala de Compulsão Alimentar Periódica (ECAP), validada por Freitas e colaboradores (2001), apresentando adequadas propriedades psicométricas. O convite para participar da pesquisa foi feito por meio de e-mail eletrônico, individualizado, no qual previamente foi apresentado ao discente o *link* de acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a sua anuência, visando atender às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo seres Humanos, dispostas na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Após esse processo, a página foi redirecionada ao formulário contendo questões de conteúdo previamente explicitadas no TCLE. O participante do estudo teve o direito de não responder a qualquer uma das questões que o deixasse desconfortável e estava isento de qualquer justificativa para tal ação, conforme Carta Circular n.º 1/2021-CONEP/SECNS/MS. Além disso, reforçou-se a importância de o participante guardar o TCLE em seu dispositivo local para fins de respaldo e consultas posteriores, caso considere necessário. A cada quinze dias de coleta de dados, foi realizada uma análise preliminar para verificar se os procedimentos de obtenção de dados estavam adequados e se estavam dando resultados compatíveis com a hipótese proposta. Após a coleta, os dados resultantes foram somente de acesso dos investigadores da pesquisa e foram exportados e organizados em planilhas do programa Excel 2013 (Microsoft Corporation, Washington, EUA). Os resultados foram expressos como média e desvio padrão para as variáveis contínuas e frequências relativas e absolutas para as variáveis categóricas. A prevalência de TCA nos estudantes durante o isolamento social foi expressa de acordo com os pontos de corte do questionário validado e expressas em porcentagem. Para análises descritivas, as variáveis categóricas foram expressas como porcentagens, e as variáveis contínuas, como média e desvio padrão (DP). Para as variáveis contínuas ainda foi analisada adesão à distribuição normal por meio do teste de Kolmogorov-Smirnov. Todas as análises descritivas foram realizadas usando Jamovi Computer Software (Versão 1.6, The Jamovi Project, 2021, Sydney, Austrália).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 194 acadêmicos de medicina matriculados na instituição no ano de 2022. Destes, a maioria eram mulheres 79,38% (n=154), enquanto os homens corresponderam a 20,62% (n=40) da amostra. A faixa de idade, em ambos os sexos, foi de 18 a 25 anos (69,07%). Em relação à moradia, 76,28% dos avaliados relataram que compartilham a residência com outras pessoas (Tabela 1). Os dados encontrados são condizentes com o estudo de Rego e colaboradores (2018), no qual houve maior prevalência de mulheres no curso de medicina. Ferreira (2000) e Gurgel (2012) destacam o surgimento do fenômeno da “feminização da profissão médica”, iniciado a partir do início do século XXI nas universidades brasileiras e que acompanha as tendências de aumento da participação feminina nas universidades médicas em todo o mundo, compondo até 50% do quadro estudantil. Além da prevalência do sexo feminino, foi observado que a maior parte dos estudantes no presente estudo são jovens e dependem financeiramente da família, visto que a maioria não possui trabalho remunerado. Na graduação, é frequente que o principal grupo que cursa Medicina apresente situação econômica referente à classe média alta brasileira, com renda familiar de até 20 salários mínimos (AMARAL, 2012). Em relação ao uso de substâncias, 56,70% (n=110) relataram uso de bebidas alcoólicas; 5,68% (n=11) eram tabagistas e 5,15% (n=10) referiram uso de drogas ilícitas (Tabela 1). Estudo de MARQUES (2021) aponta a associação da compulsão alimentar com transtornos por uso de substâncias, sendo o álcool a mais utilizada. Sugere-se uma relação entre a gravidade da dependência, uso de certas drogas de abuso e sintomas de transtornos alimentares, sendo as substâncias ansiolíticas, na maioria das vezes, as mais usadas. Castaldelli-Maia e colaboradores (2019) afirmam que ao longo do curso de medicina, os discentes

Tabela 1. Perfil epidemiológico dos estudantes de medicina de uma instituição privada no estado de Alagoas, durante o período de pandemia do COVID-19

Variáveis		N	%
Sexo	Feminino	154	79,38
	Masculino	40	20,62
Faixa etária	18 – 25	134	69,07
	25 - 35	42	21,06
	35 - 45	16	8,24
	50 -65	1	0,51
	Não desejo responder	1	0,51
Moradia	Sozinho	46	22,68
	Acompanhado	148	76,28
Consumo de bebidas alcoólicas	Usuário	110	56,70
	Não usuário	84	43,30
Uso de tabaco	Tabagista	11	5,68
	Não tabagista	183	94,32
Drogas ilícitas (maconha, cocaína, alucinógenos)	Usuário	10	5,15
	Não usuário	183	94,33
	Prefere não responder	1	0,52
Acompanhamento nutricional	Sim	117	60,3
	Não	76	39,1
	Prefiro não responder	1	0,6
Atividade física	Sim	138	71,1
	Não	55	28,3
	Prefiro não responder	1	0,6
Freq. atividade física	Não faz	55	28,3
	1-2x/semana	15	7,8
	3-4x/semana	53	27,3
	Maior que 4x/semana	44	22,7
	Prefiro não responder	27	13,9
Manutenção da atividade física na pandemia	Sim, mesma frequência	25	12,8
	Sim, menor frequência	73	37,7
	Não	96	49,5

Tabela 2. Acompanhamento da saúde física e estado nutricional dos estudantes de Medicina de uma instituição privada no estado de Alagoas, durante o período de pandemia do COVID-19

Variáveis		N	%
Acompanhamento nutricional	Sim	117	60,3
	Não	76	39,1
	Prefiro não responder	1	0,6
Atividade física	Sim	138	71,1
	Não	55	28,3
	Prefiro não responder	1	0,6
Freq. atividade física	Não faz	55	28,3
	1-2x/semana	15	7,8
	3-4x/semana	53	27,3
	Maior que 4x/semana	44	22,7
	Prefiro não responder	27	13,9
Manutenção da atividade física na pandemia	Sim, mesma frequência	25	12,8
	Sim, menor frequência	73	37,7
	Não	96	49,5
IMC	< 18,5	10	5,1
	18,5 - 24,9	130	67,1
	25 – 29,9	44	22,7
	30 – 34,9	10	5,1
Aumento de peso	Sim	134	69,0
	Não	60	31,0
Ganho de peso durante pandemia	Até 2 kg	44	22,7
	2-5 kg	65	33,5
	5-10 kg	37	19,0
	Mais do que 10 kg	6	3,1
	Prefiro não responder	42	21,7
Comorbidades	Sim	16	2,6
	Não	178	97,4

apresentam queixas de ansiedade que superam queixas depressivas (recorrentes durante a fase preparatória de vestibular), além de uma prevalência significativa de sintomas relacionados ao alto nível de estresse e exaustão mental, configurando quadros de *burnout* em 80% dos casos. Além disso, estudo de Gotardo (2022) evidenciou que a porcentagem de uso eventual tanto de álcool quanto de tabaco se apresentou de forma elevada nos estudantes universitários no geral (8,9%), com diferença significativa com relação ao seu uso diário.

Quando questionados sobre a saúde física, cerca de 60,3% (n=117) dos estudantes informaram passar por acompanhamento nutricional regular ou prévio com profissional habilitado. Quanto à prática de atividade física, 71,1% (n=138) dos acadêmicos relataram praticar alguma modalidade, sendo a frequência de três a quatro vezes por semana (27,3%) a mais prevalente entre as respostas (Tabela 2). Em contraposição ao estudo realizado por PIRES (2013), numa amostra de 154 estudantes de graduação de enfermagem, a atividade física no lazer era realizada pela minoria dos discentes, dos quais 57,8% dos

estudantes foram classificados como sedentários, sendo 61,5% ingressantes e 52,4% concluintes. Tendo em vista os benefícios como a melhora na saúde física, cognição e habilidades sociais, além de ser uma medida terapêutica nos transtornos mentais, a atividade física e os bons hábitos alimentares são fatores que influenciam positivamente na qualidade de vida, uma vez que o isolamento, estresse e a síndrome de *burnout* são as principais causas do adoecimento em profissionais de saúde (JESUS, 2017). Convém destacar que 87,2% (n=169) dos estudantes relataram diminuição ou cessação das práticas de atividade física e 69% (n=134) referiram aumento de peso durante o isolamento social da pandemia. Deste grupo, cerca de 3,1% (n= 6) afirmaram ganho de mais de 10 quilos (Tabela 2). Em relação ao estado nutricional, foram utilizadas medidas de peso e altura autorreferidas pelos participantes, que embora válidas, não são necessariamente precisas e podem ser consideradas fatores limitantes para a fidedignidade dos dados. Contudo, um estudo brasileiro realizado por Schmidt *et al.* (1993) contemplando 1.157 homens e mulheres, com idade entre 15 e 64 anos, mostrou que há associação aceitável entre o peso referido e o mensurado por pesquisadores capacitados para média ponderada em grupos semelhantes.

No que concerne ao acompanhamento com profissionais da saúde mental, a maioria dos estudantes referiu não ter assistência especializada no período da investigação, apenas 28,36% (n=55) realizavam acompanhamento com psicólogo e 19,07% (n=37) com psiquiatra. No entanto, 20,10% (n=39) usavam medicações psicotrópicas, sendo esse índice um possível sinal de automedicação (Tabela 3). Por meio de uma revisão sistemática e meta-análise contendo estudos de diversos países, inclusive brasileiros, Behzadifar (2020) destacou a alta prevalência de universitários que realizam automedicação em todo o mundo (70,1%), destes, 97,2% eram estudantes de medicina. Devido ao fato de possuírem conhecimento sobre farmacologia, ao fácil acesso e a alta demanda de estudos, a automedicação é tida como uma alternativa de resolução dos sintomas associados a transtornos mentais e de aumento da produtividade (GUSHIKEN, 2013). Dentre as medicações psiquiátricas, os antidepressivos e ansiolíticos aparecem como as mais utilizadas pelos universitários, sendo os fármacos inibidores da recaptção de serotonina (ISRS) e benzodiazepínicos os mais declarados, representando 66,66% (n=26) e 20,51% (n=8), respectivamente. O uso de psicoestimulantes também foi referido, totalizando 12,82% (n=5) (Tabela 3). Também foi observado que muitos dos jovens utilizavam diversas classes em concomitância.

Tabela 3. Dados de acesso a tratamento para saúde mental, uso de medicamentos e classificação da ECAP dos estudantes de medicina de uma instituição privada no estado de Alagoas, durante o período de pandemia do COVID-19

Variáveis		N	%
Tratamento psicológico atual	Em tratamento	55	28,36
	Sem tratamento	139	28,36
Tratamento psiquiátrico atual	Em tratamento	37	19,07
	Sem tratamento	157	80,93
Medicações psicotrópicas	Usuário	39	20,10
	Não usuário	183	79,90
Classe de medicamento			
Ansiolíticos	Benzodiazepínicos (clonazepam, alprazolam)	8	20,51
	Trazodona	2	5,12
	Zolpidem	2	5,12
Antidepressivos	ISRS (fluoxetina, sertralina, desvenlafaxina, escitalopram)	26	66,66
	Bupropiona	5	12,82
	Homeopático	1	2,56
Psicoestimulantes	Lisdexanfetamina (Venvanse)	1	2,56
	Metilfenidato (Ritalina/Concerta)	4	10,25
ECAP			
	Ausência de CAP	143	73,71
	CAP moderado	24	12,37
	CAP grave	11	5,68
	Não classificável	16	8,24

O período pandêmico e o confinamento foram responsáveis pela mudança no padrão comportamental em todo mundo, tendo em vista os estressores e a impossibilidade de seguir a rotina cotidiana, o que pode levar a comportamentos disfuncionais, como a redução do nível de atividade física, aumento do tempo gasto com dispositivos eletrônicos, além da maior ingestão alimentar, podendo corroborar com o aumento significativo de peso (BOTERO, 2021). Um estudo realizado em trinta e cinco organizações de pesquisas pelo mundo, com objetivo de avaliar o efeito do confinamento domiciliar devido à COVID-19 sobre o comportamento alimentar e a atividade física, encontrou uma diminuição em 24% do número de dias por semana de atividade física de intensidade moderada durante o confinamento ($p < 0,001$), enquanto a duração em minutos por dia diminuiu em 33,4%. Ademais, os valores de MET (*metabolic equivalent of task*) de intensidade moderada passaram a ser 34,7% menores neste mesmo período ($p < 0,001$). Os pesquisadores avaliaram o comportamento alimentar por meio do *Short Diet Behaviour Questionnaire for Lockdowns* (SDBQ-L), que neste caso indicou um aumento de 20,4% do comer descontrolado em indivíduos em isolamento social (AMMAR *et al.* 2020). Em dissonância a tais estudos, Richardson (2020) destaca que proporção de indivíduos afetados que relataram comportamentos e/ou sintomas como fazer dieta restritiva, excesso de exercícios, perfeccionismo, ansiedade e depressão foi maior em 2020 em comparação aos anos anteriores, refletindo em implicações negativas para o acesso a serviços em tempos de crise.

O amplo uso de psicofármacos entre os alunos do primeiro ao sexto ano do curso de medicina é uma problemática frequente no Brasil. A utilização dessas medicações torna-se mais frequente com o avançar dos semestres e é associada ao início de atividades mais extenuantes por parte dos acadêmicos (como ciclo clínico e internato), embora a maioria deles tenha noção dos riscos à saúde advindo dessas substâncias (LUNA *et al.*, 2018). No estudo realizado por Gotardo (2022), percebeu-se o elevado uso de medicamentos psicotrópicos por universitários, devido a maior facilidade de acesso e o maior conhecimento sobre drogas, sendo possível observar que o consumo é maior no sexo feminino (23,1%), com faixa etária entre 27 e 30 anos (35,9%). No que concerne à Escala de Compulsão Alimentar (ECAP), as respostas indicaram ausência de CAP em 73,71% (n=143) dos entrevistados, CAP moderado em 12,37% (n=24) e CAP grave em 5,68% (n=11) dos alunos. Dentre os avaliados, 8,24% (n=16) preferiram não responder as alternativas relacionadas ao questionário, tornando-os não classificáveis para a escala (Tabela 4). Em um estudo realizado por Fernandes *et al.* (2014) com estudantes universitários, cuja amostra foi composta por 422 estudantes, 43 deles apresentaram Compulsão Alimentar (CA) moderada ou grave. Isso demonstra que a CA é uma situação grave e relativamente comum no meio acadêmico e o número de estudantes afetados poderia, até mesmo, representar uma sala de aula completa. Quanto ao presente estudo, foi feita uma associação por meio de um teste exato de Fisher, no qual foi encontrada maior escore de compulsão alimentar entre os indivíduos com um IMC mais alto, em consonância com informações

Tabela 4. Escala de Compulsão Alimentar aplicada aos estudantes de Medicina de uma instituição privada no estado de Alagoas durante o período de pandemia do COVID-19

	Sem TCAP n (%)	TCAP moderada n (%)	TCAP grave n (%)	Sem classificação n (%)	p*
IMC					
Magreza	9 (90,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (10,0%)	< 0,001
Eutrofia	100 (78,7%)	11 (8,7%)	5 (3,9%)	11 (8,7%)	
Sobrepeso	30 (66,7%)	12 (26,7%)	3 (6,7%)	0 (0,0%)	
Obesidade	1 (12,5%)	1 (12,5%)	3 (37,5%)	3 (37,5%)	
Sexo					
Feminino	110 (71,4%)	19 (12,3%)	10 (6,5%)	15 (9,7%)	0,33
Masculino	33 (82,5%)	5 (12,5%)	1 (2,5%)	1 (2,5%)	
Consumo de álcool					
Sim	76 (69,1%)	19 (17,3%)	8 (7,3%)	7 (6,4%)	0,04
Não	67 (79,8%)	5 (6,0%)	3 (3,6%)	9 (10,7%)	
Renda Mensal					
Não possui renda	3 (75,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (25,0%)	0,18
1 a 3 SM	14 (73,7%)	2 (10,5%)	2 (10,5%)	1 (5,3%)	
≥ 3 SM	115 (73,7%)	22 (14,1%)	9 (5,8%)	10 (6,4%)	
Não desejo responder	11 (73,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (26,7%)	
Uso de psicotrópico					
Sim	26 (66,7%)	4 (10,3%)	4 (10,3%)	5 (12,8%)	0,31
Não	117 (75,5%)	20 (12,9%)	7 (4,5%)	11 (7,1%)	
Atividade Física					
Sim	107 (77,0%)	16 (11,5%)	9 (6,5%)	7 (5,0%)	0,04
Não	36 (65,5%)	8 (14,5%)	2 (3,6%)	9 (16,4%)	

IMC: Índice de Massa Corporal; SM: Salário-Mínimo. *p=valor para qui-quadrado ou Teste exato de Fisher

consolidadas na literatura por Palmisano, Innamorati, e Vanderlinden (2016), que previram uma maior prevalência de IMC elevado em pessoas com CA. Ao analisar a associação entre sexo e ECAP, percebeu-se que as estudantes do sexo femininotiveram uma pior avaliação da CAP do que os estudantes do sexo masculino. Resultado similar foi encontrado por Ferreira e Veiga (2008), que ao avaliarem jovens de 12 a 19 anos de escolas públicas no Rio de Janeiro, verificaram que a prevalência de episódios de compulsão alimentar foi maior entre as mulheres. Da mesma forma, outro estudo brasileiro realizado com 1.608 universitários de uma instituição no centro-oeste, encontrou prevalência de transtornos alimentares de 7,0% para o sexo feminino e de 1,8% para o sexo masculino (MATOS *et al.*, 2021). No contexto da pandemia de Covid-19, investigação feita em uma universidade francesa mostrou que em maio de 2021, uma em cada duas estudantes do sexo feminino foram afetadas por algum transtorno alimentar, para uma relação de um em cada três estudantes do sexo masculino (TAVOLACCI *et al.*, 2021). O estresse oriundo das restrições sociais foi associado a uma maior probabilidade de relatar compulsão alimentar, principalmente pelas mulheres. Tivolacci e colaboradores (2021) explicam que a percepção constante de ameaça e a experiência de sofrimento emocional durante a pandemia de COVID-19 foram associadas à adoção de comportamentos inadequados que permitiam que as pessoas respondessem aos estressores psicológicos causados pela nova rotina.

O estresse agudo pode levar a um maior consumo de alimentos prazerosos e de alta densidade calórica, como os *fast-foods* e alimentos ultraprocessados. Esse grupo alimentar fornece conforto imediato como resposta a emoções negativas, o que pode explicar o aumento do consumo no contexto da pandemia de COVID-19 com objetivo de aliviar o sofrimento emocional (SALAZAR *et al.*, 2021). O presente estudo revela que uma parcela considerável dos acadêmicos de medicina da instituição avaliada, apresentam quadro compatível moderado ou grave de compulsão alimentar durante a pandemia. Esse cenário de risco à saúde se reproduz em outras escolas médicas do Brasil, a exemplo de uma universidade privada de Campo Grande, que apresentou 30,5% de alunos propensos ao TCA e 47,4% com insatisfação corporal (LOPES *et al.*, 2020). Outro achado interessante foi a associação entre praticar atividade física ser mais frequente entre aqueles sem TCA. Ainda, Taranis e Meyer (2011) pontuam que em transtornos alimentares que possam apresentar mecanismos compensatórios e purgativos como bulimia nervosa e anorexia nervosa, o exercício físico intenso se torna uma maneira de resposta a um sentimento negativo e exacerbado de insatisfação

corporal, sendo praticado como forma de purgação, sobretudo em mulheres jovens. Em relação aos pontos fortes do estudo, há a obtenção plena da amostra mesmo diante de um cenário de pandemia e posterior reestruturação da atividade acadêmica, destacando-se a colaboração e interesse dos universitários pertencentes à instituição acerca do tema, ainda pouco discutido em ambiente acadêmico. Como limitações do estudo, a ausência do campo de preenchimento no questionário acerca do período da graduação (ciclo básico, ciclo clínico e internato) desses discentes impossibilitou a comparação e relação dos dados acerca do avanço do curso médico e a prevalência de distúrbios alimentares. Além disso, enfatiza-se que o estudo não mostra causalidade, por ter desenho transversal, evidenciando a necessidade de novas pesquisas acerca do assunto em escolas médicas e da área da saúde, de preferência com maior número de participantes e com desenho longitudinal.

CONCLUSÃO

O estudo revelou que os estudantes de medicina da instituição privada no estado de Alagoas apresentaram índices de desenvolvimento ou agravamento do Transtorno de Compulsão Alimentar em quadros moderados e graves durante a pandemia do novo coronavírus. Além do mais, a ausência de respostas no preenchimento da Escala de Compulsão Alimentar (não classificáveis) pode revelar sentimentos de negação diante de um possível resultado tendendo à gravidade. Desse modo, a avaliação dessa população de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares é de fundamental importância, uma vez que os índices de insatisfação corporal estão aumentando ao longo dos anos diante da pressão midiática pelo corpo perfeito, e patologias como o transtorno de compulsão alimentar estão cada vez mais prevalentes em universitários da área da saúde, mostrando-nos que o cuidado com o cuidador não deve ser secundarizado. Assim, é necessário que a comunidade acadêmica crie e adapte mecanismos de suporte à saúde física e mental de estudantes e até de egressos, criando um ambiente salutar e que contemple o bem-estar dos mesmos, visando assim, uma melhora na qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AMARAL, E.F.L. *et al.* Análise do perfil dos alunos ingressantes na UFMG pela iniciativa do bônus sociorracial. *Revista Teoria e Sociedade*, v.20, n.1, p.85-116, 2012.

- AMMAR, A. *et al.* Effects of COVID-19 Home Confinement on Eating Behaviour and Physical Activity: Results of the ECLB-COVID19 International Online Survey. *Nutrients*, v. 12, n. 6, p. 1583, 2020. <https://doi.org/10.3390/nu12061583>
- APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BEHZADIFAR, M. *et al.* Prevalence of self-medication in university students: systematic review and meta-analysis. *Eastern Mediterranean Health Journal*, v. 26, n. 7, p.846-852, 2020.
- BLOC, L. G.; NAZARETH, A. C. de P.; MELO, A. K. da S. e MOREIRA, V. Transtorno de compulsão alimentar: revisão sistemática da literatura. *Rev. Psicol. Saúde [online]*. 2019, vol.11, n.1 [citado 2020-10-18], pp. 3-17.
- BOTERO, J. P. *et al.* Impact of the COVID-19 pandemic stay at home order and social isolation on physical activity levels and sedentary behavior in Brazilian adults. *einstein (São Paulo)*, São Paulo, v. 19, eAE6156, Feb. 2021. https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2021AE6156
- CASTALDELLI-MAIA, J. M. *et al.* Stressors, psychological distress, and mental health problems amongst Brazilian medical students. *International Review of Psychiatry*, v. 31, n. 7, p. 603-607, 2019. <https://doi.org/10.1080/09540261.2019.1669335>
- DACOREGIO, A.C, *et al.* Avaliação da Prevalência de Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica em Acadêmicas de Medicina de uma Universidade do Sul de Santa Catarina. *Revista da AMRIGS*, v. 66, n.3, p. 777-782, 2022.
- DE MATOS, A.P. *et al.* Prevalência de comportamentos alimentares desordenados e fatores associados em universitários brasileiros. *Nutrição e Saúde*, v. 27, n. 2, p. 231-241, 2021. <https://doi.org/10.1177/0260106020971136>
- FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2020, vol.37 [cited 2020-10-18], e200074.
- FERNANDES, M.A. *et al.* Compulsão alimentar no ambiente acadêmico. *Horizontes – Revista de Educação, Dourados*, MS, v.2, n.3, 2014.
- Ferreira J.E.S., Veiga G.V. Eating disorder risk behavior in Brazilian adolescents from low socio-economic level. *Appetite* 2008; vol. 51, p.249-55.
- FERREIRA, J.E.S, *et al.* Confiabilidade (teste-reteste) de um questionário simplificado para triagem de adolescentes com comportamentos de risco para transtornos alimentares em estudos epidemiológicos. *Rev Bras Epidemiol*, v. 11, n.3, p.393-401.
- FERREIRA, R.A, *et al.* O estudante de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais: perfil e tendências. *Revista Associação Médica Brasileira*. v.3, n.46, p. 224-231, 2000.
- FREITAS, S. *et al.* Tradução e adaptação para o português da Escala de Compulsão Alimentar Periódica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 23, n.4, p. 215-220, 2001.
- GABRIEL, B. A. *et al.* Prevalência do transtorno da compulsão alimentar periódica em universitários da área da saúde. *RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*, v. 16, n. 96, p. 12-26, 2022.
- GOTARDO, A. L *et al.* O uso de medicamentos psicotrópicos por estudantes de um centro universitário de Cascavel, Paraná. *Revista de Saúde e Biologia*, v. 17, e022002, 2022.
- GURGEL, L.G.F, *et al.* Perfil dos discentes ingressos do Centro de Ciências da Saúde UFPE. *Revista brasileira de Educação Médica*, v.2, n.36, p. 180-187, 2012.
- GUSHIKEN, O, *et al.* Automedicação em estudantes de medicina. *Perspectivas Médicas*, v. 24, n.1, p. 10-19, 2013.
- JESUS, C. F, *et al.* Nível de atividade física de estudantes da área da saúde de uma Instituição Superior particular de Ubá-MG. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, São Paulo. v.11. n.68. p.565- 573, 2017.
- LOPES, P.I. *et al.* Comportamento alimentar entre estudantes de medicina de uma Universidade privada em Campo Grande – Mato Grosso do Sul. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 10, p. 74807-74820, 2020. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-055>
- LUNA, Ilanna Sobral de *et al.* Consumo de psicofármacos entre alunos de medicina do primeiro e sexto ano de uma universidade do estado de São Paulo. *Colloquium Vitae, Presidente Prudente*, v. 10, n. 1, p. 22-28, jan./abr. 2018.
- MAIA, B. R. *et al.* Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2020, vol.37 [cited 2020-10-18], e200067.
- MARQUES, B. A. D, *et al.* Compulsão Alimentar e sua associação com uso de drogas: revisão integrativa. *Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem*, 2021, v. 11, n. 33, p. 195–203, 2021. <https://doi.org/10.24276/rrecien2021.11.36.12-18>
- OLIVEIRA, C.N, *et al.* Hábitos alimentares e prevalência de episódios de compulsão alimentar em estudantes universitários nos cursos de nutrição e letras/português no sul do Brasil. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, v. 14, n.88, p.843-852, 2020.
- PALMISANO, G.L. *et al.* Experiências adversas de vida em relação à obesidade e ao transtorno da compulsão alimentar: uma revisão sistemática. *Jornal de Vícios Comportamentais*, v. 5, n. 1, p. 11-31, 2016.
- PIRES, C.G.S. *et al.* Prática de atividade física entre estudantes de graduação de enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 25, n.5, 2012
- REGO, R. M. *et al.* O perfil atual do estudante de Medicina e sua repercussão na vivência do curso. *Pará Research Medical Journal*, v. 2, n. 1–4, p. 22–30, 2018. <http://dx.doi.org/10.4322/prmj.2018.005>
- REIS, J. A.; SILVA JUNIOR, C. R. R.; PINHO, L. Fatores associados ao risco de transtornos alimentares entre acadêmicos da área de saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 73-78, jun. 2014. Disponível em: <://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/42441/29926>. Acesso em: 09 fev 2023.
- RICHARDSON, C., P. *et al.* The impact of the COVID-19 pandemic on help-seeking behaviors in individuals suffering from eating disorders and their caregivers. *General Hospital Psychiatry*, 67, 136–140, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.genhosppsych.2020.10.006>
- ROCHA, G.A.F. *et al.* Prevalência e fatores associados a Bulimia ou Anorexia Nervosa em universitárias da área de saúde. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 1, p. 90174-90198, 2020. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n11-433>
- SALAZAR-FERNANDEZ, C. *et al.* O Impacto Percebido da COVID-19 no Consumo de Alimentos de Conforto ao Longo do Tempo: O Papel Mediacional do Sofrimento Emocional. *Nutrients*, v. 13, n. 6, 2021. <https://doi.org/10.3390/nu13061910>.
- SANTOS, G. E. O. Cálculo Amostral: calculadora on-line [homepage]. Disponível em: <http://www.calculoamostral.vai.la>, 2022.
- SCHMIDT, MI. *et al.* Validity of self-reported weight: a study of urban Brazilian adults. *Revista Saúde Pública*, v. 27, n. 4, p. 271-276, 1993.
- TARANIS L, *et al.* Associations between specific components of compulsive exercise and eating-disordered cognitions and behaviors among young women. *International Journal Eating Disorder*, v.44, n.5, p. 452-458, 2011.
- TAVOLACCI M.P. *et al.* Pandemia de COVID-19 e Transtornos Alimentares entre Estudantes Universitários. *Nutrients*, v.13, n.12, 2021. <https://doi.org/10.3390/nu13124294>. PMID: 34959846; PMCID: PMC8707255.